

Do apogeu à queda: o retrato da classe operária rio-grandina em meio ao processo de desindustrialização a partir do Jornal Agora

From peak to decline: a portrait of the working class in Rio Grande do Sul amid the process of deindustrialization, based on the newspaper Jornal Agora

Luiza Rolim André,¹ UFPel

Resumo

A cidade de Rio Grande vê, a partir da segunda metade do século XX, surgir um dos seus principais veículos de comunicação: O Jornal Agora. Neste mesmo período, a partir de 1980, observa-se o início do processo de desindustrialização alterando drasticamente o cenário fabril e o cotidiano do trabalho da região, atingindo principalmente o setor pesqueiro, principal potência industrial do período. Concomitantemente, o periódico torna-se uma das principais fontes de informação acerca do cenário econômico e político da cidade, dando ênfase principalmente em assuntos relacionados à situação do trabalhador local. Com isso, o presente artigo pretende demonstrar como o Jornal Agora, entre as décadas de 1980 a 2000, tornou-se uma fonte valiosa no estudo sobre o contexto industrial da cidade, bem como sobre as formas de mobilizações e articulações de luta por parte dos trabalhadores frente à crise.

Palavras-chave: Desindustrialização; Imprensa; Trabalho; Luta Operária.

Abstract

In the second half of the 20th century, the city of Rio Grande saw the emergence of one of its main media outlets: the newspaper Agora. During this same period, beginning in 1980, the process of deindustrialization began, drastically altering the manufacturing landscape and daily work life in the region, mainly affecting the fishing industry, which was the main industrial powerhouse at the time. At the same time, the newspaper became one of the main sources of information about the city's economic and political landscape, with a particular emphasis on issues related to the situation of local workers. Thus, this article aims to demonstrate how Jornal Agora, between the 1980s and 2000s, became a valuable source in the study of the city's industrial context, as well as the forms of mobilization and articulation of struggle by workers in the face of the crisis.

Keywords: Deindustrialization, Press, Work, Workers' struggle.

Introdução

A imprensa, enquanto fonte, percorreu um longo caminho dentro do campo historiográfico. Se antes os periódicos eram vistos com olhar de desconfiança, a partir da segunda metade do século XX, com o surgimento da Nova História e, conseqüentemente, da renovação das fontes e temáticas dentro do campo disciplinar, este tipo de fonte textual passa

¹ Graduada em História Licenciatura. Mestranda em História pela Universidade Federal de Pelotas/ Bolsista CAPES. Email: luizarolim44@gmail.com.

a ganhar cada vez mais espaço dentro das pesquisas acadêmicas, sobretudo, no campo da História. Juntamente com a ampliação de possibilidades de fontes, observa-se também o crescimento de análises voltadas para processos históricos a partir da “História vista de baixo”, movimento impulsionado por historiadores marxistas britânicos como Edward Palmer Thompson e Eric Hobsbawm. Com efeito, as análises historiográficas passaram a incluir assuntos relacionados às mentalidades, mulheres, crianças, classe operária e demais questões que anteriormente pouco se faziam presentes no debate acadêmico.

Em meio às transformações que o campo da História atravessava, os periódicos ganharam a atenção de pesquisadores por permitirem o acesso a grupos que até então permaneciam à margem dos documentos oficiais. Segundo Tania Regina de Luca (2005, p. 13) as experiências de setores sociais antes ignorados pela historiografia “inspiraram abordagens muito inovadoras, inclusive a respeito de culturas de resistência”, conseqüentemente, estudos sobre o cotidiano desses grupos também passaram a ganhar espaço na academia. Um dos exemplos de produções analíticas que partiam desse pressuposto é a história do movimento operário que, a partir da década de 1970 “(...) encontrou na imprensa uma de suas fontes privilegiadas” (Luca, 2005, p. 119).

A cidade de Rio Grande, localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, teve sua imprensa reconhecida como referência regional e estadual, obtendo grande influência durante os séculos XX e XXI (Alves, 1998). Acompanhando as fases de expansão da cidade, os periódicos da região abordavam tanto aspectos cotidianos quanto políticos e socioeconômicos. O município, devido à sua localização estratégica compreendida entre as águas do oceano Atlântico e da Lagoa dos Patos, tem como principal característica a denominação de cidade portuária. Este fator está diretamente vinculado à expansão industrial que a cidade viria a sofrer entre os séculos XX e XXI. Ao todo, Rio Grande passou por dois ciclos industriais, o primeiro, caracterizado principalmente pelas fábricas de tecidos e conservas, remonta ao ano de 1873, marcado pela instalação da Fábrica Rheingantz, primeira fábrica têxtil do estado do Rio Grande do Sul é referência no ramo de tecidos em âmbito regional e nacional. Este ciclo tem seu fim em 1965, com o fechamento massivo das primeiras grandes fábricas e sua substituição pelas indústrias vinculadas ao setor pesqueiro e ao novo porto (Martins, 2023).

Esta cidade, que passa a ser conhecida popularmente como “a cidade das chaminés” (Torres, 2015, p. 8), devido à grandiosidade de seu complexo fabril, também é palco de conflitos, greves e articulações de um corpo operário organizado. Essas especificidades da região irão moldar a constituição da imprensa local, a qual irá acompanhar os aspectos

cotidianos desse universo fabril juntamente com seus ciclos industriais, desde sua formação até o início da desindustrialização, processo iniciado ao final da década de 1980 e responsável por alterar drasticamente o cotidiano do trabalho no município.

Dentre os principais periódicos atuantes em Rio Grande está o Jornal Agora, o qual teve suas atividades iniciadas em 1975, atuando como principal veículo de imprensa local até 2020, quando encerrou suas atividades (Goulart *et al.*, 2025). O periódico em questão abrangia as cidades de Rio Grande, São José do Norte e região, abordando as mais variadas temáticas, desde assuntos relacionados ao lazer, até aqueles referentes a aspectos políticos e econômicos da cidade. Neste sentido, o Jornal Agora se estabelece como fonte privilegiada no que tange aos assuntos relacionados aos processos industriais do município, principalmente durante o processo de desindustrialização, sendo muitas vezes porta voz de entidades sindicais para denunciar a crise que irá permear as indústrias rio-grandinas, principalmente aquelas vinculadas ao setor pesqueiro.

Frente ao exposto, o presente artigo, portanto, tem como proposta analisar a atuação do movimento operário, principalmente no que diz respeito aos trabalhadores vinculados ao setor pesqueiro, na cidade de Rio Grande através de exemplares do Jornal Agora durante as décadas de 1980 e 2000. Busca-se, portanto, realizar uma breve contextualização sobre a formação da classe operária local, bem como seu histórico de luta e organizações durante os ciclos industriais compreendidos desde a chegada e assentamento das primeiras fábricas até a consolidação e queda do setor pesqueiro². Por fim, compreendendo o conceito de classe em sua diversidade e atentando-se ao recorte de gênero dentro das discussões que envolvem as mulheres e os mundos do trabalho, esta pesquisa pretende também analisar a representação das operárias nas ilustrações e fotografias do periódico. Além disso, pretende-se problematizar a ausência de menções às trabalhadoras no corpo textual do Jornal, processo que resulta no apagamento da figura das trabalhadoras e no silenciamento da sua presença e importância na constituição do parque fabril da cidade.

Para isso, foram analisados exemplares do período que compreende o início e a consolidação do processo de desindustrialização na cidade (1980 – 2000). Mais precisamente, foram analisados quatro períodos de cada ano: janeiro, fevereiro, maio e dezembro. O material utilizado encontra-se na Biblioteca Rio-Grandense e a escolha desses meses justifica-se porque todos abrangem o período de safra da produção pesqueira, bem como em maio é

² Vale ressaltar que o debate exposto neste estudo pertence a um recorte do primeiro capítulo da dissertação de mestrado de mesma autoria, a qual ainda se encontra em processo de escrita, mas já apresenta alguns dados de pesquisa e análise.

comemorado o Dia do Trabalhador, momento em que ocorre uma rápida revisão da situação operária no contexto nacional e regional. O motivo da escolha do recorte temporal a ser analisado deve-se ao fato de que o processo de desindustrialização permite compreendermos como se constroem as articulações da classe operária em meio aos momentos de crise e qual o espaço das mulheres operárias na sociedade rio-grandina através das percepções da imprensa durante o período.

Da industrialização à desindustrialização: o retrato da cidade industrial

Como anteriormente mencionado, a cidade de Rio Grande, “por meio da acumulação comercial derivada das atividades de importação e exportação, consegue criar um parque fabril importante em termos nacionais a partir do final do século XIX” (Martins; Pimenta, 2004, p. 85). Porém, a partir da segunda metade do século XX, a região é atingida por uma série de processos que alteram drasticamente seu setor industrial, levando ao “fechamento de parte substancial do parque produtivo até então instalado” (Martins, 2022). O fim da Segunda Guerra Mundial foi crucial para a crise das indústrias regionais, pois, com a retomada da economia internacional, as indústrias que, anteriormente, tinham como principal foco a exportação de produtos para o exterior (Martins, 2022) agora precisavam tentar readaptar-se com a nova realidade.

Somando isso a defasagem tecnológica do maquinário regional quando comparado às indústrias dos grandes centros como o de São Paulo, Rio Grande observa suas grandes fábricas, principalmente as vinculadas aos setores têxteis, como é o caso da Rheingantz, serem atravessadas por um processo de estagnação (Martins; Pimenta, 2004). O fato resulta no fechamento de suas portas entre as décadas de 1950 e 1960. As fábricas que permaneceram foram aquelas vinculadas à alimentação, sobretudo, ao setor de pescados. Nesse meio tempo de transição entre um ciclo e outro, em 1975 é criado o Jornal Agora pelo empresário Germano Leite (Goulart *et al.*, 2025), no período, Rio Grande ainda se estabelecia como um dos principais polos industriais do Rio Grande do Sul, grande parte por conta do setor pesqueiro que se torna referência nacional. Devido ao contexto, o periódico adquire uma preocupação em abordar os assuntos relacionados à indústria rio-grandina e fazer dela parte central de suas temáticas abordadas.

Segundo Capelato (2015) a imprensa atua em uma ação dialética junto à sociedade, ao mesmo tempo que opera como dispositivo de condução e formação de opinião pública também é moldada pelo meio social que se insere. No Jornal Agora é possível ver esse

processo a partir da ênfase dada aos assuntos que se referem aos aspectos industriais da cidade. No dia 25 de maio, por exemplo, compreendido como o Dia da Indústria, o periódico anualmente faz questão de fazer um panorama geral do contexto industrial e exaltar o parque fabril da cidade. No ano de 1992, em um texto publicado, logo de início destaca-se a importância da data para a cidade, enfatizando a influência industrial no crescimento econômico do município ao escrever que

Para o Rio Grande a data é significativa, tendo em vista a presença marcante do setor no desenvolvimento de nossa economia (...) Ficou conhecida como ‘cidade das chaminés’ e em 1940 chegou a ter 6200 trabalhadores na indústria” (Agora, 23/05/1992, p. 9).

Além disso, no texto destacam-se as grandes fábricas que fizeram parte do primeiro ciclo industrial como a União Fabril³, Leal Santos⁴ e Swift⁵, reforçando a grandiosidade do passado fabril da cidade.

O trecho em questão foi escrito em um período no qual a cidade já era atravessada pelo processo de desindustrialização, no qual, de modo geral, ocorreu a queda “da participação do emprego industrial no emprego total” (Speranza, 2023, p. 14). Esse processo atinge fortemente a cidade a partir do final da década de 1980, quando parte significativa das fábricas pesqueiras passam a fechar suas portas. Neste período, apesar de não mais possuir a mesma imponência industrial quando comparado aos ciclos anteriores, o Jornal Agora permite observar como a sociedade rio-grandina ainda se colocava enquanto cidade fabril, alimentando o sentimento nostálgico ao fazer referência a esse passado glorioso do município. Para Susana Gastal (2006) o uso do artifício nostálgico muitas vezes é utilizado em oposição às perdas vividas no tempo presente, portanto, “tal nostalgia carregaria em si uma evasão do presente, acompanhada de uma idealização do passado como edênica idade de ouro” (Gastal, 2006, p. 144). Neste sentido, é possível perceber como o periódico, sendo contemporâneo ao fim do grande complexo fabril da cidade, recorre ao passado como forma de perpetuar o imaginário da cidade das chaminés.

Outra prova de como o processo de desindustrialização era fortemente sentido nos setores industriais do período, pode ser observado nas notícias referentes ao setor pesqueiro. As fábricas de pescados, apesar de estarem presentes na região desde as primeiras décadas do

³ Companhia União Fabril Rheingantz, já mencionada anteriormente no texto.

⁴ Instalada em 1889, era filial de uma empresa portuguesa e iniciou suas atividades produzindo alimentos em conserva, posteriormente passou também a produzir biscoitos, mas a partir da segunda metade do século XX voltou suas atividades principalmente para o tratamento de pescados, setor que atua até os dias atuais.

⁵ Frigorífico de grande porte instalado no ano de 1917, chegou a abrigar 1.500 operários e teve suas portas fechadas em 1954.

século XX, principalmente com a instalação da fábrica Leal Santos em 1889, passam a ganhar força no cenário econômico e industrial a partir de 1930, momento em que outras empresas vinculadas ao setor passam a se instalar na cidade. Mais uma vez, as águas aparecem como fator determinante para a expansão e a espacialização do novo ciclo industrial. Segundo Martins e Pimenta (2004, p. 96):

A espacialização das empresas pesqueiras pela cidade do Rio Grande se deu sempre junto aos cursos d'água por questões óbvias, com predominância junto ao canal do Rio Grande; ficaram assim distribuídas a Norte do pontal arenoso onde está localizado o sítio urbano.

Segundo Martins (2022, p. 200) “o parque industrial pesqueiro do Rio Grande sempre foi considerado um dos mais tradicionais setores industriais da cidade, devido à longevidade e ao pioneirismo desse ramo produtivo, este em termos de Brasil”. O ápice desse setor ocorreu no ano de 1970, através de uma série de incentivos e financiamentos estatais “via Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca (Sudepe)” (Martins; Pimenta, 2004, p. 96). Como consequência, Rio Grande passa a contar com cerca de vinte fábricas pesqueiras atuando simultaneamente, sendo uma delas a Empresa Pescal, que se tornou destaque no setor de pescados em âmbito nacional, chegando a empregar cerca de 850 trabalhadores simultaneamente. O crescimento do ramo foi significativo também na absorção dos trabalhadores que se encontravam desempregados devido ao fechamento das antigas fábricas.

O crescimento do setor perdura até a segunda metade da década de 1980, período em que se tem o início da desindustrialização. Em 1982, o jornal, ao publicar no dia 18 de dezembro um texto intitulado *Armador Industrial vê futuro negro para a pesca brasileira*, listava alguns dos problemas que poderiam prejudicar o setor pesqueiro, prevendo o cenário que se apresentaria no início da virada da década. Dentre os principais problemas citados, a sobrepesca aparece em evidência. Segundo o texto “a crescente predação dos estoques de pescado nacional, que progride geometricamente sob a conivência de órgãos fiscalizadores como a SUDEPE (...)” seria um dos principais motivos de uma possível crise nas fábricas pesqueiras, o órgão estatal era acusado de “(...) não adotar uma política de maior rigor para dar solução imediata ao problema social” (Agora, 18/12/1982, p. 3).

Como previsto, a crise atingiu fortemente a cidade a partir de 1990, através de “um complexo de fatores que resultaram na falência de boa parte das empresas instaladas” (Martins, 2022, p. 203). Este período será fortemente lembrado como a “década perdida”. Em uma matéria publicada pelo Jornal em 6 de dezembro de 1995 intitulada *Governo do Estado poderá fechar a indústria pesqueira* são evidenciados alguns dos problemas que o

setor pesqueiro atravessava. Nos trechos é mencionada “a falta de definição e decisões por parte do governo do Estado” em relação às indústrias instaladas na cidade, sendo ocasionada pela desregulamentação das atividades pesqueiras e pelo fim do financiamento estatal ao setor com a extinção da Superintendência para o Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE)⁶. Segundo Martins e Renner (2014, p. 58-59),

O desmonte das estruturas estatais, comprometeram inclusive a divulgação dos dados do setor e colocaram o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) como o principal financiador do complexo pesca (pesca, indústria da pesca e aquíicultura). As empresas que tinham a racionalidade da produção baseada na lógica da regulação estatal da extensão das atividades de industrialização em um mercado nacional protegido, foram obrigadas a mudar as suas estratégias no começo dos anos de 1990 ou iniciaram um processo de encerramento das atividades.

O fechamento em massa do complexo fabril pesqueiro atinge também fortemente o cotidiano do trabalho na cidade de Rio Grande. Para adaptar-se ao processo e resistir ao desemprego ou à precarização do trabalho, os trabalhadores precisaram recorrer à velha atividade já praticada há muito tempo na cidade: a de se organizar por meio de greves e ocupações, como veremos na próxima seção.

Um retrato da classe trabalhadora rio-grandina: articulações em momentos de crise

Segundo Petersen e Schmidt (2004, p. 212) a história da classe trabalhadora está intrinsecamente ligada aos “seus esforços para criar instituições que expressassem sua identidade de classe”, sendo “a história de suas experiências e lutas coletivas em defesa de direitos e pela transformação da sociedade que os oprimia”. Essas experiências eram resultado direto do processo de fazer-se classe, definido por Thompson (1987) como um processo contínuo envolvendo experiências em comum vivenciadas entre sujeitos e que

Acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens, cujos interesses diferem (e geralmente se opõe) dos seus (Thompson, 1987, p. 10).

No que diz respeito ao Rio Grande, seu complexo fabril estava muito longe de restringir-se apenas às fábricas e ao maquinário, dentro desses espaços existiam aqueles que serviam como base para sua expansão: a classe trabalhadora. Desde o primeiro ciclo industrial, Rio Grande contava com um grande fluxo de trabalhadores vivendo em suas

⁶ Órgão estatal criado em 11 de outubro de 1962, por meio da Lei Delegada Nº 10, tinha como principal função elaborar e executar políticas para o setor pesqueiro (Filho, 2017).

dependências. Segundo Martins e Pimenta (2004, p. 87), “somente a primeira dezena de empresas industriais instaladas nesse interstício de tempo apresentava, individualmente, mais de uma centena de operários, e algumas ultrapassavam a cifra de mil trabalhadores.” As condições de vida desse operariado não eram as melhores, e por isso, a tendência à articulação e ao associativismo acompanhou a formação dos movimentos operários. Diferentes fatores provenientes das explorações laborais cotidianas, como a convivência devido às longas jornadas de trabalho, somado a alta periculosidade nos ambientes fabris, resultaram na formação de associações trabalhistas organizadas com o intuito de proteger-se contra as precárias situações laborais. A organização em grupo partia do entendimento de que as questões exploratórias que atingiam não apenas os trabalhadores, mas também seu núcleo familiar, não poderiam ser enfrentadas e combatidas de forma individual.

Tais movimentações eram comuns nas sociedades industriais, não sendo diferente em Rio Grande. O município destacou-se por possuir “um polo de tendências revolucionárias, tendo sido palco de reivindicações trabalhistas materializadas por meio de greves operárias, passeatas e confrontos com a polícia.” (Goulart *et al.*, 2025, p. 17). Esse movimento operário tem sua organização aprofundada a partir do século XX e sofreu influência das diferentes ideias que circulavam entre os diferentes grupos que ocupavam a região. O grande fluxo de imigrantes trouxe consigo ideias socialistas e anarquistas que foram incorporadas pelo operariado (Petersen, Schmidt, 2004). Outras lutas como aquelas vinculadas às ideias oriundas do período de pós-abolição em prol do trabalho livre e da reinserção das populações emancipadas no corpo operário também tiveram influência nas demandas da classe operária, moldando as características do movimento operário local (Bresolin, 2023). A consolidação do movimento operário rio-grandino ocorreu a partir de 1890 com a fundação de entidades associativas como a Liga Operária e o Centro Operário (Torres, 2015).

Segundo Petersen e Schmidt (2004), os periódicos tornaram-se uma das principais fontes de informação sobre movimento operário por se tratarem de um dos principais instrumentos de organização e disseminação de suas ideias. No caso de Rio Grande, o crescimento de urbanização da cidade e seu estabelecimento enquanto referência industrial resultou na criação de uma imprensa que também refletia as transformações e características da cidade. No ano de 1896 o jornal *Echo Operário* passa a circular na cidade, tornando-se um dos principais periódicos operários do país. A imprensa militante da região por muito tempo reconhecia o município como “cidade vermelha” (Torres, 2015, p. 46). Para Bresolin (2023, p. 17) esse reconhecimento “configurou um perigo constante para a classe dominante na

manutenção da ordem e implicou uma maior repressão e severo controle das organizações sindicais por parte do Estado.”

Apesar de o Jornal Agora nunca ter se colocado como imprensa operária ou militante, o periódico ocupou uma posição importante para as demandas da classe operária. Sua criação se deu no auge da ditadura civil-militar (1975), período em que as perseguições às movimentações trabalhistas se intensificaram à medida que a condição de vida desses trabalhadores se deteriorava. Mesmo tratando-se de um contexto de forte censura, o jornal se manteve ativo durante todo o período, tornando-se um importante instrumento de denúncia na cidade. Por este motivo, deve-se destacar que “a produção do Jornal Agora não pode ser reduzida a um projeto coletivo e deliberado de oposição ao regime, por outro, é incontestável que os artistas ali envolvidos não se furtaram ao enfrentamento dos dilemas de seu tempo.” (Goulart *et al.*, 2025, p. 42).

Um exemplo dessa ligação com a causa trabalhista são as sessões dedicadas ao feriado do dia do trabalhador comemorado no primeiro de maio, quando o jornal dedica-se a expor um panorama geral da situação do trabalhador rio-grandino, bem como evidenciar as comemorações e atividades dedicadas ao dia na cidade. Em 1988, por exemplo, a seção dedicada ao feriado traz em primeiro plano a manchete *Hugo diz que trabalhador nada tem para comemorar*, demonstrando como se encontra a classe operária naquele período.

No texto são levantados alguns dos problemas que atingem o trabalhador, indicando que “por mais que o trabalhador tente ganhar condições de subsistência, a inflação astronômica e os desmandos da política econômica corroem seus ganhos e o afastam cada vez mais dos bens de consumo necessários a uma vida digna” (Agora, 1/6/1988, p. 5). O contexto de publicação remonta ao processo de reabertura democrática e início da desindustrialização que, ao atingirem a cidade de Rio Grande, a partir da segunda metade da década de 1980, alteram não apenas o sistema produtivo da região, mas também afetam significativamente a vida dos trabalhadores que passam a vivenciar a precarização das condições de vida, a intensificação da exploração no trabalho e o desmantelamento das organizações sindicais.

Ainda na mesma página, o Jornal também utiliza o espaço para expor as programações do feriado no município de Rio Grande que variam entre protestos e greves. No texto intitulado *Programação do 1º de Maio*, são reforçadas as condições trabalhistas, mas também evidenciadas algumas comemorações:

Em forma de festa ou de protesto, várias comemorações serão realizadas pela passagem no Dia do Trabalho, hoje, em Rio Grande. Na maior parte

delas, é certo, haverá o protesto pelos baixos salários e poucas condições de vida (Agora, 1988, p. 5).

Neste sentido, além de dar continuidade à crítica e denúncia sobre a precarização da classe trabalhadora rio-grandina, o texto também evidencia o forte engajamento da cidade no feriado, demonstrando como mesmo em meio a momentos de crise, os setores trabalhistas buscavam se articular, seja de forma ativa por meio de greves e atos, seja por meio de comemorações, reforçando também certo orgulho pela causa operária.

Ainda assim, a preocupação em expor notícias referentes às greves e demais movimentações operárias não ficava restrita apenas ao dia do trabalhador, no dia 11 de maio de 1994 é publicado no Jornal Agora uma manchete intitulada *Funcionários ocupam empresa*, na qual informava que

[...] os funcionários da Atlantis Pescados S.A ocuparam o escritório e paralisaram as atividades da fábrica com o objetivo de protestar e orçar uma solução para a difícil situação em que se encontram. Os 22 funcionários da Atlantis, pessoal do escritório e da produção, até o momento não receberam o salário relativo ao mês de abril

O texto em questão demonstra a difícil situação em que os trabalhadores das indústrias pesqueiras se encontravam. Os fechamentos das fábricas e demissões em massa eram uma realidade na região. Neste caso, a falta de salário levou à organização e ocupação dos trabalhadores nas fábricas, mostrando como o momento de crise impulsionava sua mobilização. Acontecimentos como este solapam a ideia difundida de uma classe trabalhadora submissa e passiva, pois, à medida que a desindustrialização avançava, greves e passeatas eram cada vez mais frequentes no cenário industrial rio-grandino.

Até aqui, foi possível observar como a imprensa se torna importante no mapeamento da atuação da classe operária em Rio Grande, e como através de associações combativas e realização de grandes movimentações, foram denunciadas as precárias situações de trabalho vividas principalmente durante o processo de desindustrialização da cidade. Ainda assim, a imprensa deixa uma lacuna evidente, afinal, ela se esquece de uma parte fundamental para a expansão e consolidação da indústria rio-grandina: as mulheres operárias. Se elas quase não aparecem nas manchetes, onde estavam as mulheres trabalhadoras da cidade? Será que elas também estavam envolvidas nessas movimentações? Se sim, a que se deve esse silenciamento em relação à sua presença?

Onde elas estão? O apagamento das mulheres trabalhadoras na luta laboral e ofício

A marginalização de determinados grupos sociais, como é o caso da classe operária, às vezes, impõe o apagamento de seus rastros para quem decide pesquisá-los. Esse apagamento adquire mais camadas quando são inseridos os recortes de raça e gênero. A imprensa, apesar de surgir como uma fonte muito importante para o acesso à classe operária, por muitos anos foi ocupada majoritariamente por um grupo homogêneo formado por homens brancos. Segundo Matoso (2024, p. 122) “as representações de gênero foram moldadas e transmitidas através das narrativas, contribuindo para a construção da memória coletiva em torno desses eventos”, em outras palavras, o gênero de quem compõe o corpo editorial tem influência direta nas decisões de como os trabalhadores serão representados. Logo, a construção do discurso presente no periódico é determinada pelo grupo social que o escreve. Em um editorial formado preponderantemente por editores e jornalistas homens, a visão de mundo que prevalece é aquela que condiz com as suas experiências sociais. Tratando-se especificamente de assuntos que tangem à classe trabalhadora, o resultado é um discurso que entende o grupo sob uma perspectiva também homogênea, sem levar em consideração os atravessamentos de marcadores como gênero e raça nos indivíduos referenciados.

Essa narrativa construída pela imprensa ocasiona o apagamento da presença e protagonismo das mulheres nos mundos do trabalho, como consequência, as demandas e lutas das trabalhadoras são desconsideradas, e sua presença é vista como irrelevante nos setores fabris. No caso de Rio Grande, o corpo operário feminino esteve fortemente presente nas fábricas rio-grandinas. As mulheres compunham maioria nos setores têxteis e pesqueiros (Silva; Spolle, 2013), sendo mão de obra base para a sua expansão econômica e tornando-se inclusive muitas vezes símbolo das representações sobre a indústria. Um exemplo disso pode ser visto na figura abaixo, em uma das ilustrações utilizadas pelo Jornal Agora na seção reservada à comemoração do Dia da Indústria.

Imagem 1 - Ilustração de comemoração ao Dia da Indústria



Fonte: Acervo Jornal Agora, 1995.

Na imagem 1, a alegoria escolhida para representar a data comemorativa remete à uma mulher trabalhando no que parece ser uma máquina voltada para o ramo de tecidos. A escolha não é aleatória, afinal, como aponta Matoso (2024), toda comunicação é feita a partir de uma intencionalidade. Neste caso, Rio Grande por muitos anos tornou-se referência como potência industrial do Rio Grande do Sul. Apesar de não haver mais fábricas do ramo no ano de 1995, o periódico, através do tipo de máquina escolhida, opta por remeter a esse tempo. A fábrica Rheingantz, por exemplo, tinha em seu corpo operário a predominância de mulheres devido a imposição da divisão sexual do trabalho, definido por Kergoat (2009, p.67) como “a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo”. Esta organização é imposta a partir dos papéis socialmente construídos e atribuídos entre os sexos e designam funções entre homens e mulheres, estabelecendo sempre uma posição hierárquica e de dominação do primeiro em relação ao segundo. Neste sentido, por se tratar de uma fábrica têxtil e o trabalho desempenhado necessitar de habilidades ligadas ao cuidado, as operárias passam a ocupar massivamente esses setores.

Nota-se também que ao retratar a figura de uma trabalhadora, a ilustração não foge da clássica representação do ideal de mulher. Danièle Kergoat (2012), ao trabalhar o conceito de consubstancialidade, estabelece que os classificadores de gênero, raça e classe estão unidos em um nó onde se constroem de forma mútua e dentro deles se atravessam relações de dominação e opressão. As operárias, portanto, têm suas experiências moldadas a partir dessas três categorias e a ilustração escolhida é um ótimo exemplo de como essa opressão é

construída. A representação é composta por uma mulher de pele branca, cabelos muito bem presos e roupa muito bem ajustada ao corpo magro e delicado. Tais características sintetizam a dinâmica de disciplina e apagamento impostas do corpo da mulher operária, delineando a ideia de uma trabalhadora ideal, aquela obediente, branca, passiva e delicada, afastando qualquer impressão de imponência ou dureza.

Neste sentido, a ilustração reforça a invisibilização da diversidade operária e das trabalhadoras enquanto sujeitos ativos no movimento sindical e trabalhista. Ainda assim, apesar de, historicamente, os espaços de reivindicação estarem fortemente atrelados a uma masculinidade hegemônica, as mulheres também se fizeram presentes nas mobilizações operárias, e não hesitaram em desenvolver formas de tornarem suas demandas visíveis dentro da luta trabalhista (Matoso, 2024). Petersen e Schmidt (2004, p. 228), ao discorrer sobre a pluralidade dos movimentos operários, destacam a presença massiva de mulheres logo nas primeiras grandes greves organizadas no início do século XX, segundo os autores:

Na greve de 1906, as mulheres também saíram às ruas e praças em prol de reivindicação das 8 horas de trabalho. No dia 5 de outubro daquele ano, ocorreu um grande comício nos Navegantes. Segundo o *Petit Journal*, de Porto Alegre ‘a nota [...] de entusiasmo era dada pelas moças operárias que chegavam a rasgar os vestidos encarnados e colocar no peito topes com o símbolo da classe.

Este fato refuta a ideia atrelada à mulher enquanto indivíduo passivo e submisso, ao mesmo tempo que subverte a visão perpetuada por muitos anos de que esses corpos estavam destinados apenas a reproduzir como já apontava Michelle Perrot (1995). Em outras palavras, desde sua entrada nos mundos do trabalho, as operárias estiveram ativas nas suas reivindicações, seja de forma mais direta, atuando em greves e passeatas, seja de forma mais velada através de sabotagens no seu trabalho e ações de solidariedade entre colegas.

Assim como nas empresas têxteis, as empresas pesqueiras também são marcadas pela divisão sexual do trabalho e constituídas preponderantemente por mão de obra feminina, sobretudo no setor dos Trabalhadores Transitórios da Indústria do Peixe, ou comumente conhecido como *tarefa*. Um exemplo disso, aparece estampado na primeira página do Jornal Agora no dia 29 de janeiro de 1989.

Imagem 2 –Primeira página do Jornal Agora estampando mulheres trabalhadoras do setor de pescados



Fonte: Acervo Jornal Agora, 1989.

Na imagem 2, ao falar sobre o mercado de pescado rio-grandino, o periódico opta por utilizar a fotografia de mulheres trabalhando no setor. Suas roupas brancas e posição em frente às esteiras indicam serem mulheres ocupando o ofício da tarefa, muito característico das fábricas pesqueiras da região. O ofício da tarefa consiste na realização da limpeza e do tratamento do peixe para o consumo. Trata-se de uma ocupação desempenhada em pé, em frente às esteiras nas quais o pescado é passado em caixas para que possa ser devidamente tratado. Normalmente utilizam-se facões para a realização da limpeza e quanto maior a produção da tarefaira, maior a sua remuneração. Segundo Silva e Spolle (2013, p. 1), assim como a têxtil, esse tipo de indústria é “desde a sua formação, no final do século XIX, composta pela maior presença de força de trabalho feminina nas atividades relacionadas à limpeza e à conservação do pescado realizadas no chão da fábrica.”. A presença das mulheres é facilmente constatada através da fotografia escolhida pelo jornal, entretanto, apesar de serem as tarefairas as escolhidas para representar visualmente os trabalhadores do setor pesqueiro, sua presença é limitada à esfera simbólica, pois elas pouco são mencionadas nos textos do periódico. Disso resulta o apagamento da categoria criando o imaginário coletivo que reforçava a desimportância das trabalhadoras na expansão econômica e industrial da cidade, principalmente no setor pesqueiro. Silva e Spolle (2013, p. 3), ao realizarem um estudo sobre a presença das trabalhadoras nas empresas de peixe, comprovam como esse imaginário não se aplica na materialidade da cidade rio ao destacarem que: “em 1990, as nove fábricas instaladas no município, empregavam 670 homens e 1.350 mulheres. Nos anos de

1995-2003/2009 às trabalhadoras compunham mais de cinquenta por cento do total de trabalhadores”. Atualmente, apesar de em menor quantidade, esse tipo de ofício ainda existe nas fábricas de pesca, e permanece sendo desempenhado massivamente por mão de obra feminina.

Neste sentido, o *Jornal Agora*, apesar de atribuir destaque às movimentações trabalhistas, ainda faz parte de um período onde o corpo editorial era composto principalmente por homens, logo, a visão hegemônica masculina ignorava os diferentes recortes existentes dentro dele e a complexidade das suas vivências experienciadas. O periódico, neste sentido, realizava um movimento dialético que reproduzia os consensos de seu tempo, mas também, por ocupar uma posição importante enquanto veículo de influência, também moldava a opinião pública rio-grandina. O fato resultou no apagamento e silenciamento da presença e história das mulheres dentro das fábricas rio-grandinas, mas que, ainda assim, deixaram seus rastros no chão de fábrica por onde passaram.

Considerações finais

O estudo da história operária permite ir na contramão da história perpetuada pelos vitoriosos, compreendendo as experiências do fazer-se classe, bem como suas reais intencionalidades por trás das articulações de luta. Para Thompson (1987, p. 13) a importância dos estudos da classe trabalhadora reside no espaço de que “eles viveram nesses tempos de aguda perturbação social, e nós não. Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência.”

A cidade de Rio Grande atualmente convive com o conflito entre presente e passado. Ao caminhar pelas suas ruas, o conjunto arquitetônico permite que sejam enxergados os resquícios do passado industrial. Mas esse passado não se torna presente somente a partir de sua materialidade, uma vez que, ainda transitam pelas suas ruas operários e ex-operários com a memória ainda viva das experiências laborais, das greves e passeatas organizadas. Por isso, atentar-se às complexidades do cotidiano operário e evidenciar suas articulações compõe o que Walter Benjamin denominou como “tradição dos oprimidos” (2005).

A imprensa, como vimos até aqui, torna-se uma fonte fundamental não só para o conhecimento sobre a dimensão da história industrial de Rio Grande, mas também para a análise da atuação desse corpo operário dentro e fora do complexo industrial. O *Jornal Agora*, portanto, nos permite refutar a posição de submissão e mandonismo atrelada ao trabalhador. Por meio de suas páginas, ao analisar o período de desindustrialização, percebe-se um corpo

operário forte e organizado na luta pelo que restou de seus direitos. No entanto, como todas as fontes, o periódico possui suas próprias limitações, principalmente quando adicionamos o recorte de gênero. Nem todas as complexidades do mundo do trabalho conseguem ser transmitidas pelo periódico e por isso, devem ser problematizadas.

Neste sentido, reforçando o que diz Elizabeth Souza-Lobo (2021), ao tratar da história das mulheres, é necessário observar também o invisível, aquilo que não se pode ver em um primeiro momento. O silenciamento das mulheres operárias, neste sentido, também é uma evidência, e deve também ser problematizado. Logo, antes de tudo, é preciso sempre lembrar historicamente a memória da classe operária, sobretudo, das mulheres encontra-se sempre em disputa. A desindustrialização trouxe consigo a crise não só econômica, mas também identitária, em uma cidade onde passado e presente entram em conflito, a destruição do patrimônio industrial e conseqüentemente, da memória operária se intensifica. Por isso, faz-se necessário seguir os rastros deixados pelos tempos industriais para que não reste dúvida que Rio Grande foi palco de uma classe ativa e organizada, mas não homogênea, dentro dela há gênero e raça lutando para que sejam vistos, e por isso, devem ser evidenciados.

Fontes

Armador Industrial vê futuro negro para a pesca brasileira. **Jornal Agora**, Rio Grande, p. 3, 18 de dezembro de 1982.

Governo do Estado poderá fechar a indústria pesqueira. **Jornal Agora**, Rio Grande, p. 3, 6 de dezembro de 1995.

Hugo diz que trabalhador nada tem para comemorar. **Jornal Agora**, Rio Grande, p. 5, 1 de maio 1988.

Pescado rio-grandino abre novos mercados no exterior. **Jornal Agora**, Rio Grande, p. 1, 29 de janeiro de 1989.

Indústria comemora seu dia. **Jornal Agora**, Rio Grande, p. 9, 23 de maio de 1992.

Funcionários ocupam empresa. **Jornal Agora**, Rio Grande, p. 3, 11 de maio de 1994.

Referências

ALVES, Francisco das Neves. **O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868 – 1895)**. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 1998.

BRESOLIN, Felipe Treviso. **Jogo, logo existo: futebol, conflito social e sociabilidade na formação da classe trabalhadora em Rio Grande/RS (1901 - 1931)**. Orientador: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2023.

CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. *In:* Villaça, Mariana; Prado, Maria Ligia Coelho (org). **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas, 2015. p. 114 – 136.

FILHO, Alcides Goularti. Da SUDEPE à criação da secretaria especial de aquicultura e pesca: as políticas públicas voltadas às atividades pesqueiras no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**. jul./dez. 2017. p. 385 – 412. Disponível em: repositorio.ipea.gov.br/entities/publication/6b9cd634-99c9-4f6c-a321-e2f8a7d9ec25. Acessado em: 27/11/2025

GASTAL, Susana. **Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio**. Campinas/SP: Papyrus Editora, 2006.

GOULART. Fabio Ortiz *et al.* **A imprensa caricata em Rio Grande durante a ditadura militar: produção do Jornal Agora (1975 – 1976)**. Rio Grande: Náutica, 2025.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In:* HIRATA, Helena *et. al.* **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009

KERGOAT, Daniéli. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos**, n. 86, p. 93-103, 2012.

LOBO, Elizabeth Souza. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111 – 153.

MARTINS, Cesar Augusto Avila; RENNEN, Marco Antônio Gama. Industrialização de pescado no município do Rio Grande: da gênese ao final do século XX. **Geosul**, Florianópolis, vol. 29, n. 58, p 29-72, jul. - dez, 2014. Disponível em: doaj.org/article/4e035de8d1bc4beb92d7f967f7a150eb. Acessado em: 20 de jul. 2024

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990)**. Rio Grande: Editora da FURG. 2022.

MARTINS, Solismar Fraga; PIMENTA, Margareth Afeche. A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: o caso do município do Rio Grande (1874 – 1970). **R.B Estudos Urbanos e Regionais**, 2004.

MATOSO, Caroline Duarte: **“Nossos corpos foram boas raízes na fecunda terra da luta”**: agência das mulheres operárias e o PCB (Rio Grande, 1950-1954). Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2024.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, p. 9–28, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>. Acessado em: 27 nov. 2025.

PETERSEN; Silvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso. O movimento operário no Rio Grande do Sul: militantes, instituições e lutas (das origens a 1920). *In:* GRIJÓ, Luiz Alberto *et al.* (org). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 209 – 246.

SILVA, Suzana Maria Veleda da; SPOLLE, Marcus Vinicius. O Trabalho Feminino Nas Fábricas de Conserva de Pescado: A permanência de uma exploração laboral. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona, jan de 2014. Disponível em: [//www.ub.edu/geocrit/sn/sn-464.htm](http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-464.htm) . Acessado em: 8 dez. 2024. p. 1 - 10

SPERANZA, Clarice. Memórias em disputa: uma reflexão acerca da construção das lembranças operárias. **Revista Historiar**, vol. 15, n. 28, p. 7-23, 2023. Disponível em: <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/459>. Acessado em: 7 de jan. 2025

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da Classe Operária Inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2009.

TORRES, Luiz Henrique. **História do Município do Rio Grande**. Rio Grande: Pluscom, 2015.